

Feitiçaria enquanto linguagem

Fernanda Gallo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/395>

DOI: 10.4000/ras.395

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2013

Paginação: 147-149

ISSN: 1646-9860

Referência eletrónica

Fernanda Gallo, « Feitiçaria enquanto linguagem », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 11 | 2013, posto online no dia 09 dezembro 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/395> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.395>

Feitiçaria enquanto linguagem — *Fernanda Gallo*

Harry WEST

2009: *Kupilikula: O poder e o Invisível em Mueda*, Moçambique
Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 436 p.

Em *Kupilikula: O poder e o Invisível em Mueda*, Harry West, professor da *School of Oriental and African Studies* (SOAS), constrói uma atraente etnografia histórica da feitiçaria no norte de Moçambique. Autor de *Ethnographic Sorcery* (2007), West parece ter mudado completamente de área se dedicando, atualmente, ao estudo da comida, conforme demonstra seus recentes artigos. *Kupilikula*, publicado primeiramente em língua inglesa (2005), teve na versão portuguesa, seu título acrescido a especificação *Mueda*. Certamente a mudança se ajustou a um público mais familiarizado com o tema, o que evitou que a categoria “Moçambique” pudesse ser entendida como genérica.

Interessado em discutir o lugar da *uwavi* (feitiçaria), enquanto uma linguagem de poder nos contextos da independência, socialismo e neoliberalismo, West oferece um panorama dos discursos da feitiçaria, no planalto de Mueda, e a medida como estes “invocam múltiplas lógicas interpretativas no meio de experiências históricas concretas” (p.44). Neste íterim, o poder subsequente da *uwavi* é entendido como uma série de manobras exequíveis no mundo tangível e intangível, capaz de refazer e desfazer poderes de outrem. A este contra-feitiço ou contramanobra dá-se o nome de *Kupilikula*.

O livro, dividido em três principais partes, compostas cada qual por pequenos capítulos, é fruto de um trabalho de campo realizado entre os anos de 1993–2004, que abrangeu cerca de cem aldeias do planalto de Mueda e, contou com a colaboração decisiva de Marcos Agostinho Mandumbwe, além dos assistentes Eusébio Tissa Kairo e Felista Elias Mkaima, com quem ele divide a autoria do livro. Esta iniciativa e, até mesmo o próprio uso de expressões locais como o próprio *Kupilikula* do título, parece (re) distribuir a autoridade e a autoria da pesquisa.

Informado pelas discussões pós-coloniais, West enfoca a *uwavi* como uma estratégia discursiva criada pelos habitantes de Mueda para interpretar o mundo e suas mudanças. Todos os 29 capítulos se

iniciam com uma descrição feita por seus informantes sobre casos de *uwavi*. A tática seduz e aproxima o leitor ao universo descrito, tornando ainda mais eloquente as falas locais. As estratégias e constrangimentos vivenciadas com seu colaborador e assistentes, também são partilhadas, o que nos dá uma sensível impressão de estarmos entre eles.

A primeira parte do livro detalha o universo da *uwavi* composto por sua gramática e personagens centrais. Chama atenção o fato de que muitos destes personagens continuam em cena até hoje, portanto a relevância de sua etnografia histórica. Este é o caso dos *vahumu* conselheiros das *likolas* (matrilinhagens) e os *vanang'olo vene kaja* anciãos administradores da povoação. Ambos tinham/tem a função de unir esforços para não fragmentar a *likola*, porém, a linguagem do consumo, na altura pré-colonial expressa, sobretudo na caça e no desejo sobre a carne, e hoje, sobre objetos como bicicletas e máquinas de costura exigia/exige uma constante negociação.

Ainda nesta parte, o autor mostra como a crença na força de certas substâncias mágicas (*mitela*) faz parte da rede discursiva que explica, entre outros, a vitória dos portugueses sobre a população local nas guerras de pacificação, (início do século XX). Através destas narrativas, somos capazes de vislumbrar a história moçambicana sob outro ponto de vista. Neste caso, os portugueses teriam ganhado a batalha, pois suas *mitelas* seriam mais fortes.

West delinea o mundo social e o cotidiano das pessoas com quem conversa e os lugares os quais visita, pontuando a duplicidade que nega e reflete a relação com o invisível. Seus personagens têm nome e sobrenome, em alguns casos até imagens retratadas, não são pensados genericamente como “makonde”, expressão que evita.

Situações como os mortos-vivos e trabalhadores escravizados por feiticeiros, ou feiticeiros se transformando em animais como corujas, cobras e leões são trazidos pela memória de seus informantes e adequadamente comparados a casos semelhantes em outros contextos africanos, o que dá consistência a obra. Feitiçaria e curandeirismo são apresentados como algo dinâmico, que se transforma no curso da história, tema da parte central da obra.

Na segunda parte do livro, o autor descreve como as categorias utilizadas para se falar de feitiçaria foram se dinamizando na relação com os novos poderes coloniais e pós-coloniais, com as novas linguagens de poder. Entre estes, analisa as missões católicas, a administração e exército portugueses e a FRELIMO (Frente Libertadora de Moçambique) focando sempre na leitura local, através da *uwavi*, sobre tais instâncias.

Particularmente interessante é a descrição sobre as estratégias encontradas pelas missões, sobretudo de padres holandeses, para atrair a população. Percebendo a importância de certos elementos locais, como a dança mapiko, a igreja os permitiu em seu espaço sagrado. Do outro lado, também os missionários e suas poderosas *mitelas*, foram percebidos como capazes de intervir no reino do invisível. Assim a população local teria, segundo o autor, não apenas se convertido ao cristianismo, mas convertido o cristianismo a si.

Também o movimento nacionalista moçambicano foi interpretado através do discurso da feitiçaria. Em especial *Os jogos mortíferos de esconde-esconde*, título do capítulo 15, disserta sobre o clima de suspeição entre possíveis infiltrados da FRELIMO no governo português e vice-versa. O suposto poder

dos chefes do exército português, e da FRELIMO, em identificar espões, prever ataques e tornar invisíveis seus combatentes no reino da floresta faziam parte do reino *uwavi*.

A própria FRELIMO, a qual West não poupa críticas, teve uma relação ambígua com a feitiçaria. Se por um lado seus líderes discursavam sobre o socialismo racional e científico do *homem novo* moçambicano, por outro buscavam curandeiros para demonstrar a todos que estavam bem protegidos. O discurso da *uwavi* era ao mesmo tempo condenado e partilhado.

A terceira e última parte do livro, West discute o neoliberalismo analisando a linguagem *uwavi*. Através dela somos convidados a entender em que medida os habitantes de Mueda perceberam com desconfiança os projetos de liberdade e prosperidade individuais. Junto com a linguagem dos workshops, das ONGS e dos projetos de desenvolvimento, vieram os moinhos de grãos, bicicletas, automóveis e com eles prosperou a feitiçaria de autodefesa e enriquecimento pessoal. Na transição do pós-guerra civil (1992) para a economia de mercado, o autor é preciso ao identificar, o que ironicamente chamou dos paladinos da “tradição moçambicana”, defensores dos “curandeiros tradicionais” e dos “conhecimentos indígenas” como parte discursiva de um novo Moçambique democrático.

Se aproximando de uma ciência política, West aponta que o interesse no ressurgimento da tradição foi uma exigência dos doadores internacionais como medida para descentralizar o poder. Questionando a restauração de um “saber tradicional” lembra que a autoridade tradicional ocupou um papel historicamente determinado. Nos anos 1990, preveniu West, na província de Inhambane, no afã da restauração, o ex-régulo do distrito de Homoíne começou a aplicar castigos corporais e reivindicar o direito de degredar pessoas para São Tomé.

Harry West refletiu sobre a feitiçaria enquanto um paradigma explicativo, uma linguagem social. Afirmando que a nova ciência trazida pelo desenvolvimento dos estrangeiros desfez — *kupilikula* a anterior visão socialista, West aposta que o acesso ao poder no planalto de Mueda não se restringe ao mundo visível. Finalmente, o livro complexifica as relações sociais e de poder em Moçambique e, ao que concerne a população de Mueda, é a linguagem da *uwavi* que melhor define, ou que melhor traduz a densidade e ambiguidade de suas próprias vidas. É através desta que tentam compreender e digerir o mundo e mesmo agir sobre ele através do *kupilikula*.